

# A CONSTRUÇÃO DA TEORIA CONSPIRATÓRIA DO MARXISMO CULTURAL NA COMUNICAÇÃO ULTRACONSERVADORA DO PADRE PAULO RICARDO NO YOUTUBE

THE CONSTRUCTION OF THE CULTURAL MARXISM CONSPIRACY THEORY IN FATHER PAULO RICARDO'S ULTRA-CONSERVATIVE COMMUNICATION ON YOUTUBE

LA CONSTRUCCIÓN DE LA TEORÍA CONSPIRATIVA DEL MARXISMO CULTURAL EN LA COMUNICACIÓN ULTRACONSERVADORA DEL PADRE PAULO RICARDO EN YOUTUBE

## Andrea Basilio Chagas

● Bolsista de pós-doutorado do Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Edital CAPES 16/2022. Pesquisadora do Midiáticos – Grupo de Pesquisa em Mídia, Política e Democracia.

● E-mail: andreabasiliochagas@gmail.com

## Bruno Bernardo de Araújo

● Professor do Departamento de Comunicação e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação e Artes da Universidade Federal de Mato Grosso Doutor em Comunicação. Líder do Midiáticos - Grupo de Pesquisa em Mídia, Política e Democracia e Pesquisador do INCT/DSI.

● E-mail: brrunoaraujo@gmail.com

## RESUMO

Investigamos, neste estudo, como se dá a construção da teoria conspiratória do marxismo cultural no âmbito da comunicação político-religiosa ultraconservadora veiculada no canal do padre católico Paulo Ricardo, em seu canal no Youtube. Nossa hipótese é de que as palestras de Paulo Ricardo sobre o tema expressam um tipo de discurso político-religioso estratégico que serve ao movimento ideológico do Bolsonarismo. O estudo adota a Teoria Ator-Rede (TAR) como referencial teórico-metodológico, visando mapear a rede sociotécnica que estrutura essas videoaulas, entendidas, aqui, como artefatos midiáticos que articulam sujeitos, discursos e tecnologias. A análise revela que o marxismo cultural é construído no quadro de uma rede comunicacional que amplifica o discurso ultraconservador do catolicismo tradicionalista, apresentando questões sociais e políticas no contexto de uma guerra santa do bem contra o mal, com um forte teor conspiracionista. Ao examinar o papel das teorias conspiratórias nesse processo, o estudo contribui para a compreensão das controvérsias entre o catolicismo conservador e a teologia da libertação, historicamente vinculada ao pensamento marxista.

**Palavras-chave:** Comunicação político-religiosa; populismo de extrema direita; marxismo cultural; Padre Paulo Ricardo.

## ABSTRACT

In this study, we investigate how the conspiracy theory of cultural Marxism is constructed within the scope of ultraconservative politico-religious communication disseminated on the YouTube channel of Catholic priest Paulo Ricardo. Our hypothesis is that Paulo Ricardo's lectures express a type of strategic politico-religious discourse that serves the ideological movement of Bolsonarism. The study adopts Actor-Network Theory (ANT) as its theoretical-methodological framework, aiming to map the sociotechnical network that structures these video lectures, understood here as media artifacts that articulate subjects, discourses, and technologies. The analysis reveals that cultural Marxism is constructed within a communicational network that amplifies the ultraconservative discourse of traditionalist Catholicism, framing social and political issues in the context of a holy war of good versus evil, with a strong conspiratorial undertone. By examining the role of conspiracy theories in this process, the study contributes to the understanding of the controversies between conservative Catholicism and liberation theology, historically linked to Marxist thought.

**Keywords:** Political-religious communication; far-right populism; cultural Marxism; Catholic Priest Paulo Ricardo.

## RESUMEN

En este estudio investigamos cómo se construye la teoría conspirativa del marxismo cultural en el ámbito de la comunicación político-religiosa ultraconservadora difundida en el canal de YouTube del sacerdote católico Paulo Ricardo. Nuestra hipótesis es que las conferencias de Paulo Ricardo expresan un tipo de discurso político-religioso estratégico que sirve al movimiento ideológico del Bolsonarismo. El estudio adopta la Teoría del Actor-Red (TAR) como marco teórico-metodológico, con el objetivo de mapear la red sociotécnica que estructura estas video clases, entendidas aquí como artefactos mediáticos que articulan sujetos, discursos y tecnologías. El análisis revela que el marxismo cultural se construye en el marco de una red comunicacional que amplifica el discurso ultraconservador del catolicismo tradicionalista, presentando cuestiones sociales y políticas en el contexto de una guerra santa entre el bien y el mal, con un fuerte componente conspirativo. Al examinar el papel de las teorías conspirativas en este proceso, el estudio contribuye a la comprensión de las controversias entre el catolicismo conservador y la teología de la liberación, históricamente vinculada al pensamiento marxista.

**Palabras clave:** Comunicación político-religiosa; populismo de extrema derecha; marxismo cultural; Padre Paulo Ricardo.

## INTRODUÇÃO

No livro *A publicidade é um cadáver que nos sorri*, Oliviero Toscani (2009) dedica um capítulo intitulado “A cruz, a suástica e a Coca-Cola” à discussão sobre a potência das imagens religiosas e os modos como essa força comunicacional pode ser mobilizada no campo publicitário. Toscani não se refere a representações suaves, como carneirinhos ou pombas brancas, mas a imagens intensas e emocionalmente carregadas: corações eviscerados, cruzeiros e coroas de espinhos ensanguentadas, corpos sem vida, rostos desfigurados e mães em pranto embalando seus filhos mortos. Pela sua força estética e apelo emocional, tais imagens foram historicamente utilizadas para difundir a fé cristã, sustentar ideologias e mobilizar afetos.

Essas imagens, compreendidas como inscrições (Latour, 2004) ou como portadoras de potências tecnoestéticas (Simondon, [1954] 1992), operam pela intensidade e pelo choque, constituindo experiências comunicacionais que perturbam e afetam os públicos. Toscani critica a publicidade contemporânea por ter abandonado esse tipo de comunicação visual considerada excessiva, violenta ou desconfortável. A extrema direita contemporânea, contudo, parece seguir o caminho inverso: aposta deliberadamente no impacto, no choque e na violência simbólica e discursiva, elementos potencializados pelas redes sociais digitais. Essa estética comunicacional tem atraído fundamentalistas e radicais e se disseminado globalmente, encontrando nas plataformas digitais um terreno fértil para amplificar mensagens extremas.

É nesse ambiente que se insere o Padre Paulo Ricardo, sacerdote católico com forte presença midiática e conhecido por seu discurso anticomunista e conservador. Entre orações e homilias publicadas em seu canal no YouTube, que reúne milhões de inscritos, destacam-se as videoaulas sobre o chamado “marxismo cultural”, uma teoria conspiratória que circula intensamente no ecossistema da ultradireita.<sup>1</sup> Quando articulado ao discurso religioso, esse imaginário conspiracionista não apenas reforça a ideia de uma guerra santa, mas também atua como instrumento de propaganda política, inscrevendo disputas partidárias no horizonte da fé.

Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo investigar como se dá a construção da teoria conspiratória do “marxismo cultural” no âmbito da comunicação político-religiosa ultraconservadora difundida no canal do Padre Paulo Ricardo no YouTube. Nossa hipótese é que as palestras do sacerdote sobre o tema configuram um discurso político-religioso estratégico que, ao articular religião e política sob um mesmo regime moral, reforça narrativas conspiratórias e serve ao movimento ideológico do bolsonarismo.

Ancorada na Teoria Ator-Rede (Latour, 2004, 2008), a análise busca mapear a rede sociotécnica que estrutura essas videoaulas, entendidas como artefatos midiáticos que conectam sujeitos, discursos e tecnologias. Ao examinar como o “marxismo cultural” é construído nesse ambiente comunicacional, argumentamos que esse discurso amplia o alcance do catolicismo ultraconservador, transformando disputas sociais e políticas em narrativas de combate espiritual — um conflito moral entre bem e mal — que fortalece a retórica da extrema direita no Brasil.

O corpus empírico da pesquisa é composto por seis palestras publicadas em 2012, como parte de um curso sobre “marxismo cultural” no canal do sacerdote no YouTube, que reúne cerca de dois milhões de inscritos e mais de seis mil vídeos. Na página inicial, lê-se a expressão latina *Christo Nihil Preponere* (“a nada dar mais valor do que a Cristo”), que sintetiza a orientação do padre. À época da publicação, o Brasil vivia o primeiro mandato de Dilma Rousseff e o terceiro ciclo consecutivo de governos do Partido dos Trabalhadores, contexto em que o discurso do sacerdote assumia forte tom anticomunista e polarizador. Esse material é fundamental para compreender a retórica que, ao reformular a disputa política como confronto entre o bem e o mal, fortalece a retórica bolsonarista e o imaginário da extrema direita.

A análise parte da compreensão de que a comunicação presente nesses vídeos constitui uma rede sociomaterial na qual sujeitos, discursos, dispositivos técnicos e valores religiosos se articulam mutuamente. Trata-se de uma retórica marcada por denúncias recorrentes, violência simbólica e convocações para uma guerra moral, espiritual e cívica — um embate entre o bem e o mal, entre homens e demônios.

<sup>1</sup> Canal do Padre Paulo Ricardo, no Youtube, cf. <https://www.youtube.com/@padrepauloricardo>

Para desenvolver a investigação, o artigo está organizado em três eixos: primeiro, discutimos o papel do Padre Paulo Ricardo como difusor da teoria conspiratória do “marxismo cultural” no campo católico conservador; em seguida, examinamos as raízes ideológicas dessa teoria e suas conexões com o anticomunismo religioso e o imaginário da extrema direita; por fim, analisamos o papel do YouTube como plataforma central na mediação e amplificação desse discurso político-religioso, explorando como sujeitos, tecnologias e retóricas se articulam na construção de um ambiente comunicacional propício à radicalização.

## A CRUZ: PADRE PAULO, O ANTICOMUNISMO E A CONSPIRAÇÃO DO MARXISMO CULTURAL

Paulo Ricardo<sup>2</sup> de Azevedo Júnior é um padre membro da Arquidiocese de Cuiabá, em Mato Grosso, região do Centro-Oeste brasileiro, marcada pelo poder do agronegócio e pela força política da extrema direita. Natural de Recife (PE), mudou-se com a família para Cuiabá em 1979, aos 13 anos. Foi ordenado sacerdote aos 24 anos e, já bacharel em Teologia e Filosofia, tornou-se mestre em Direito Canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, aos 25 anos<sup>3</sup> (PY, 2020, 2021; Silva; Suagamosto; Araújo, 2021).

Desde 2006, o sacerdote mantém um intenso trabalho de produção de conteúdo nas plataformas digitais, que ele próprio define como um “apostolado na internet”. Atualmente, aos 57 anos, reúne cerca de 5,8 milhões de seguidores nas diferentes plataformas digitais e mais de 2 milhões de inscritos em seu canal no YouTube.

Professor, palestrante, militante político, youtuber e um seguidor de Olavo de Carvalho e defensor das políticas de liberação de armas de fogo no país<sup>4</sup> — um dos principais mentores do bolsonarismo —, Padre Paulo Ricardo é também um dos mais proeminentes representantes do catolicismo bolsonarista no Brasil e um dos difusores de um discurso político-religioso que tem sido estrategicamente incorporado pela extrema direita contemporânea. Foi citado, inclusive, no relatório final da Polícia Federal sobre a tentativa de golpe de Estado de 8 de janeiro de 2023, perpetrada por apoiadores do ex-presidente da República, Jair Bolsonaro.<sup>5</sup> Composto o mosaico de vídeos que integra o acervo do seu “apostolado digital” no Youtube, seis listas de reprodução se destacam, entre elas, aquele sobre a qual este estudo se debruça. Intitulada MARXISMO CULTURAL, a playlist articula uma rede de imagens que associa figuras genocidas a cientistas e professores, ao mesmo tempo em que funde imagens republicanas com imagens religiosas. Como alertam Silva, Suagamosto e Araújo (2021), ao tratar do chamado “marxismo cultural”, é fundamental distinguir entre os estudos acadêmicos sérios sobre o marxismo e as distorções promovidas pela propaganda conspiracionista de que a noção de marxismo cultural é um exemplo.

Neste trabalho, concentramos nossa análise no uso da teoria complotista<sup>6</sup> do “marxismo cultural” — tema central das palestras aqui estudadas —, que se apresenta como um dos principais actantes do imaginário conspiratório da direita radical. Formado por seis vídeos, o curso *MARXISMO CULTURAL* inscreve-se no imaginário de uma teoria da conspiração de extrema direita, de origens fascistas. A lista de seis vídeos aqui estudados organiza uma comunicação visual por meio de thumbnails marcadas por uma lógica dicotômica entre o “nós” e o “eles” — perceptível, inclusive, na alternância entre imagens coloridas e em preto e branco (ver Quadro 1, abaixo).

<sup>2</sup> <https://www.youtube.com/@padrepauloricardo>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://padrepauloricardo.org/padre> Acesso em: 02 fev. 2025.





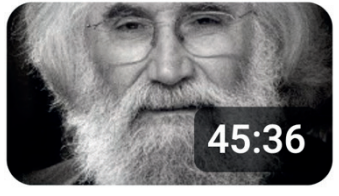
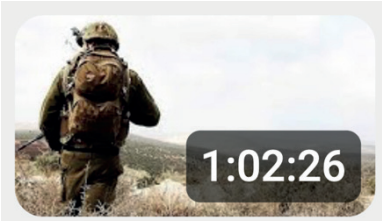
<sup>4</sup> Disponível em: <https://ocandeiro.org/padre-paulo-ricardo-cavaleiro-de-batina-do-apocalipse-pandemico/> Acesso em: 28 jul. 2025.

<sup>5</sup> SAIBA quem é o padre influencer e o líder dos caminhoneiros de MT citados no inquérito da PF sobre tentativa de golpe de Estado. *G1 Mato Grosso*, 27 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2024/11/27/saiba-quem-e-o-padre-influencer-e-o-lider-dos-caminhoneiros-de-mt-citados-no-inquerito-da-pf-sobre-tentativa-de-golpe-de-estado.ghtml>. Acesso em: 02 fev. 2025.

<sup>6</sup> Neste estudo, utilizamos os termos “complotismo” e “conspiracionismo” como sinônimos, embora cada um possua sentido específico. *Grosso modo*, complotismo refere-se a uma forma de organizar o pensamento, marcada pela ideia fixa e paranoica de que os acontecimentos são fruto de complôs. Já a noção de conspiração diz respeito ao conteúdo das narrativas estruturadas com base na crença de que eventos e processos resultam da ação secreta de grupos poderosos. Tanto o padrão de pensamento complotista quanto à narrativa de trama secreta vinculada ao comunismo estão presentes nas palestras analisadas neste trabalho.

Entre as imagens coloridas, presentes na primeira, terceira e sexta videoaulas, destacam-se: uma fotografia de um encontro entre o ex-presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan e o Papa João Paulo II — apontados nas palestras como heróis da luta contra o comunismo; uma imagem da Marcha da Família com Deus pela Liberdade, movimento conservador que apoiou o golpe de 1964 e a instalação da ditadura militar no Brasil; e, por fim, a figura de um soldado anônimo, armado e em marcha, caminhando em direção a um horizonte indefinido.

**Quadro 1.** Identificação das seis palestras analisadas no estudo

Título	Duração	Print Thumbnails
01 - Marxismo Cultural e Revolução Cultural: Visão Histórica  <a href="https://11nq.com/LVzgI">https://11nq.com/LVzgI</a>	59:30	
02 - Marxismo Cultural e Revolução Cultural: O Fascismo e o Marxismo Cultural  <a href="https://xurl.ooo/46qc8">https://xurl.ooo/46qc8</a>	1:04:46	
03 - Marxismo Cultural e Revolução Cultural: Reação à crise marxista  <a href="https://xurl.ooo/grz3k">https://xurl.ooo/grz3k</a>	1:00:58	
04 - Marxismo Cultural e Revolução Cultural: A infiltração do marxismo cultural no Brasil  <a href="https://xurl.ooo/t2hep">https://xurl.ooo/t2hep</a>	58:29	
05 - Marxismo Cultural e Revolução Cultural: Teologia da Libertação e sua influência na Igreja  <a href="https://xurl.ooo/dgfxq">https://xurl.ooo/dgfxq</a>	45:35	
06 - Marxismo Cultural e Revolução Cultural: Como lutar o bom combate?  <a href="https://xurl.ooo/gqybd">https://xurl.ooo/gqybd</a>	1:02:25	

Fonte: Elaboração dos autores.

Essas imagens reforçam a narrativa de combate, militância e a performance de guerra contra o mal, que permeia o discurso do sacerdote, mobilizando afetos políticos e religiosos em uma estética que evoca tanto o heroísmo quanto o apocalipse. Como se verifica, já nas imagens em preto e branco, presentes na segunda, terceira e quinta palestras, forma-se um curioso conjunto sociomaterial que associa: uma fotografia de Hitler e Mussolini (segunda palestra), uma imagem dos professores da Escola de Frankfurt (terceira palestra) e uma foto do filósofo e teólogo Leonardo Boff, um dos principais expoentes da Teologia da Libertação (quinta palestra).

Com isso, as *thumbnails* da lista de reprodução *Marxismo Cultural* constroem uma oposição visual clara: de um lado, nas imagens em preto e branco, estão professores, intelectuais, defensores dos direitos humanos e genocidas — colocados no mesmo espectro de ameaça; de outro, nas imagens coloridas, aparecem símbolos da ordem tradicional e conservadora, como uma marcha anticomunista, um soldado armado e a união entre Estado e Igreja representada pelo encontro entre Reagan e João Paulo II. Essas seis imagens condensam alguns dos discursos mais recorrentes da extrema direita: desde a tentativa deliberadamente distorcida de vincular a esquerda ao nazifascismo até a propagação da ideia de uma guerra do bem contra o mal, guiada por Deus (o Papa), pela família (a marcha) e pela pátria (o soldado).

Nos vídeos analisados, Padre Paulo Ricardo aparece sempre da mesma forma: sentado, de costas para uma parede forrada de madeira escura, trajando batina preta e usando óculos discretos. Sua figura quase se funde ao cenário, destacando apenas dois elementos visuais centrais: seu rosto pálido e a imagem de Nossa Senhora, de coloração branca intensa, que parece refletir luz e iluminar o lado direito do quadro (Figura 1).

Figura 1. Print de uma das palestras analisadas



Fonte: Youtube.

Com voz suave, fala lenta e pausada, o sacerdote “pinta o monstro embaixo da cama” — a figura de um inimigo oculto, sombrio e mal-intencionado, que teria se infiltrado na Igreja com o objetivo de destruí-la. Segundo ele, o mundo estaria ameaçado pelo pensamento marxista e seu suposto propósito “diabólico” de destruir a verdade, compreendida como um valor absoluto e imutável.

Ao longo dos vídeos, Paulo Ricardo repete a narrativa conspiracionista de que a queda do Muro de Berlim e o fim da União Soviética não representariam o “fim do comunismo” – ou o fim do “perigo comunista”, desenhado na Guerra fria, – mas uma mudança estratégica: um plano maligno para infiltrar o pensamento marxista de forma silenciosa nas instituições, especialmente na Igreja. Essa infiltração, segundo ele, se daria em grande parte, por meio das ideias de Antônio Gramsci e dos teóricos da Escola de Frankfurt — um discurso recorrente em todo o curso. A retórica assume contornos ainda mais nítidos de um discurso político-religioso de extrema direita quando Karl Marx, ao ser mencionado, é apresentado ao público como “o secretário do diabo”, expressão que resume o tom apocalíptico e demonizador atribuído às ideias de esquerda. Ao buscar explicar a teoria marxista, argumenta que:

Então, quando os trabalhadores tomarem posse, implementarão uma ditadura — e essa ditadura será, simplesmente, uma ponte, uma passagem, um movimento temporário para uma sociedade que, no final, será justa, sem classes e, no fim das contas, sem governo. Ou seja, o ideal de Marx é, em palavras pobres, implantar aqui na Terra um Paraíso; implantar aqui na Terra, aqui neste mundo, uma sociedade justa e perfeita. E como é que ele irá fazer isso? Pelo poder criativo do mal.

Aqui é que está a perversão marxista em sua raiz mais absurda, ou seja: Marx é somente o secretário — **Satanás, na verdade, é Hegel... entende?** Marx é somente o porta-voz, a força criativa do mal! A força criativa do negativo! **Faça o mal. Produza o mal. Destrua!** — *disto virá algo bom*. Esse é o princípio hegeliano. (Vídeo 1, 2022, 11min36s–13min19s, *grifo nosso*).

Note-se o forte discurso anticomunista no discurso do sacerdote, que associa o pensamento hegeliano a uma prática diabólica. Segundo o pesquisador Victor Almeida Gama<sup>7</sup> (2024), grupos católicos anticomunistas existem desde o século XIX. No entanto, a partir da década de 1930, com a publicação da encíclica *Divini Redemptoris*, do Papa Pio XI, observa-se uma mudança significativa na forma como esses grupos passaram a compreender o comunismo. De um movimento até então considerado apenas desordeiro e moralmente equivocado, o comunismo passou a ser descrito como um projeto diabólico — uma encarnação do mal absoluto.

3. Vós, sem dúvida, Veneráveis Irmãos, já percebestes de que perigo ameaçador falamos: *é do comunismo, denominado bolchevista* e ateu, que se propõe como fim peculiar revolucionar radicalmente a ordem social e subverter os próprios fundamentos da civilização cristã (fragmento da encíclica papal, *Divini Redemptoris* do Papa Pio XI).<sup>8</sup>

Essa demonização pode ser compreendida como parte da disputa pelo que poderíamos chamar de “monopólio da salvação”. Em um exercício de extrapolação crítica, é possível interpretar a descrição do Papa — que via o comunismo como uma “seita atea” sediada em Moscou — como uma forma de posicionar o comunismo como concorrente direto da promessa cristã, oferecendo aos pobres uma “salvação terrena” baseada no pensamento científico e na justiça social. A partir disso, o comunismo deixa de ser apenas uma ideologia política e passa a ser percebido como um discurso perigoso, rival do poder e da autoridade moral da Igreja, desestabilizando tanto sua hegemonia quanto as estruturas do acúmulo de capital que a sustentam.

O *marketing* religioso opera frequentemente em lógicas de disputa, sendo comum que determinadas religiões demonizem outras para garantir espaço de poder e fidelidade de seus seguidores (Chagas, 2021). No Brasil, essa prática se manifesta, por exemplo, na forma como alguns grupos católicos conservadores e neopentecostais demonizam religiões de matriz africana. Além do racismo estrutural que atravessa essa rejeição, há uma dimensão mercadológica clara — os ataques operam como uma estratégia para um tipo de “higienização” religiosa (Nogueira, 2020) que incide como uma ferramenta de propaganda, de um mercado da fé, feita para afastar fiéis de práticas religiosas concorrentes.

Gama (2024) observa que grande parte do discurso anticomunista no Brasil, especialmente no catolicismo conservador, tem raízes em organizações como a Tradição, Família e Propriedade (TFP).<sup>9</sup> Originada em movimentos católicos das décadas de 1920 e 1930, a TFP se consolidou nos anos 1960, articulando uma militância contra o comunismo que se apresentava como luta espiritual entre o “Reino de Maria” e o “Reino do Demônio”. Com o tempo, a TFP passou a incorporar pautas morais, teorias da conspiração como o “marxismo cultural” e ataques sistemáticos à Teologia da Libertação, consolidando uma retórica conservadora que se alinha ao discurso da extrema direita contemporânea (Gama, 2024).

7 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ymOU3KGdNMQ> Acesso em: 02 fev. 2025.

8 PIUS XI. *Divini Redemptoris*. Encíclica sobre o ateísmo, 19 mar. 1937. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/piusxi/pt/encyclicals/documents/hf\\_pxi\\_enc\\_19370319\\_diviniredemptoris.html](https://www.vatican.va/content/piusxi/pt/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_19370319_diviniredemptoris.html). Acesso em: 10 fev. 2025.

9 Link original: <https://www.ipco.org.br/esclarecimentos-sobre-o-marxismo-cultural>.

Esse mesmo discurso aparece com nitidez nas videoaulas analisadas neste estudo. O conteúdo apresentado por Padre Paulo Ricardo não se limita a um panfleto ideológico ou a um apoio circunstancial à extrema direita: trata-se de uma visão de mundo reacionária, que naturaliza a dor e a desigualdade como parte da vontade divina e se ancora em teorias conspiratórias para justificar a exclusão de qualquer projeto progressista. Esse tipo de narrativa transforma defensores da justiça social, da diversidade e do pensamento crítico — valores centrais na Teologia da Libertação<sup>10</sup> e nos movimentos progressistas — em inimigos demonizados.

Nos vídeos analisados, no entanto, Padre Paulo Ricardo descreve uma rede conspiratória invisível — que originaria do “marxismo cultural” — teria se infiltrado na Igreja por meio da Teologia da Libertação. Essa suposta ameaça demoníaca buscaria enganar os fiéis, minar a autoridade da Igreja e destruir os valores de uma pretensa cultura judaico-cristã. A Teologia da Libertação é apresentada como uma ferramenta do mal, enquanto autores como Gramsci, a Escola de Frankfurt e o pensamento progressista aparecem como arquitetos de um plano global de destruição moral.

Ao longo das videoaulas, os primeiros vídeos explicam o que Paulo Ricardo entende como os fundamentos do marxismo, da guerra cultural, do gramscianismo e da atuação da Escola de Frankfurt. Já o vídeo final, ilustrado pelo soldado armado em marcha, fala sobre o que seria a essência da fé católica e assume um tom de convocação, estimulando os fiéis a resistirem ao “mal” que ameaça a Igreja e que, segundo o sacerdote, envenena, distorce a verdade e tenta destruir a civilização ocidental.

Desde o primeiro vídeo, algumas recorrências se destacam como as falas — típicas da retórica ultradireitista — que denotam uma tentativa persistente de associar o marxismo e os pensamentos de esquerda ao fascismo e ao nazismo. Esse tipo de discurso se afirma em declarações como: “o fascismo é um filho do Marxismo” (*Vídeo 3, 2022, 10min33s*), ou, ainda:

A crise teórica do comunismo, só pra vocês entenderem, gerou duas realidades bem distintas: uma foi o fascismo, que é filho legítimo do comunismo — ou então filho bastardo, como queiram chamar —, mas, em todo caso, é filho do comunismo; e o marxismo cultural (*Vídeo 2, 2022, 2min11s–2min36s*).

Outra linha constante, diretamente vinculada à teoria do “marxismo cultural” e ao imaginário complotista que estrutura os vídeos, são os ataques aos direitos LGBTQIAPN+, a teologia da libertação e as críticas a pautas de respeito, inclusão e diversidade existentes no pensamento progressista. Nestes fragmentos, os grupos LGBTQIAPN+, em especial, são retratados como ameaças à ordem moral, um instrumento do marxismo, do mal, enquanto padres conservadores são apresentados como vítimas perseguidas por uma Igreja “corrompida”, que, segundo o sacerdote, teria se desviado da verdadeira fé ao adotar discursos progressistas e críticas a posturas tradicionalistas. Essa inversão narrativa, comum na comunicação da extrema direita — que reforça a ideia de um passado idílico, vinculado às tradições (Mudde, 2022), reforça um sentimento de vitimização e mobiliza afetos identitários, colocando os grupos conservadores como os verdadeiros “mártires” de um conflito moral e espiritual. Reportando-se aos que acompanham as palestras, presencial ou virtualmente, o sacerdote afirma:

[...]

Quando essa pessoa começa a combater tudo que *nós* temos de sagrado — quando ela combate a liturgia está no Missal, quando ela é contra a disciplina que está no Código de Direito Canônico, e quando ela destrói a doutrina que está no Catecismo da Igreja Católica... Você começa a ver que o gato se esconde atrás da cortina, mas sempre deixa o rabo de fora. Compreende a coisa?

10 A Teologia da Libertação, surgida na América Latina após o Concílio Vaticano II (1962–1965) e impulsionada pela Conferência de Medellín (1968), propõe uma leitura teológica dos Evangelhos voltada à luta contra as injustiças sociais. Baseada na “opção preferencial pelos pobres”, essa corrente rompe com a naturalização da desigualdade e propõe um cristianismo comprometido com a transformação do mundo (Padre Ticão, 2019).

Como é que pode ser uma pessoa tão boa, que ama as coisas de Jesus, mas quando na sua diocese ou na sua paróquia, fazem uma “*missa de zumbi*”<sup>11</sup>, trazendo a mãe de santo para o altar, oferecendo pipoca, charuto e pinga, com danças de candomblé na frente do altar — e essa pessoa não combate isso. Muito pelo contrário...

Você chega e diz: “Escuta! Pelo amor de Deus! Vamos acabar com isso! Olha que escândalo! Essa missa profanou a Eucaristia!” — isso foi uma profanação da Eucaristia.

Mas *eles* dizem: “Não... *nós* temos que ser tolerantes... E a diversidade cultural? *nós* temos que ter inculturação.”

E aí, tão logo um padrezinho jovem, de batina preta, decide muito singelamente... Celebrar uma missa de Pio V, para um grupelho de fiéis — cinco, seis fiéis — nada mais do que isso. Essa pessoa desaba contra esse pobre sacerdote, como se ele tivesse cometido um crime de lesa-majestade e como se tivesse fazendo a maior profanação eucarística da história da Igreja. Ameaçando suspensão, transferência e todo o tipo de punições ... Porque o sujeito cometeu o “crime” de querer celebrar a missa que a Igreja celebrou durante cinco séculos e que santificou tantos homens (Vídeo 1, 2022, 20min38s–24min10s, *grifo nosso*).

A fala do padre se estrutura numa lógica de combate, marcada pelo julgamento pelo ódio, e não pelo amor. Sua defesa da Missa Tridentina reforça a centralidade da tradição, da dor e da culpa, em contraste com a rejeição explícita à diversidade: rituais progressistas ou de matriz africana são vistos como profanações. Nesse imaginário, o vinho sacralizado pela liturgia simboliza o sagrado legítimo, enquanto a cachaça, associada a vivências populares e afrodescendentes, é relegada ao profano. Assim, constrói-se uma teologia do confronto, que transforma o sagrado em trincheira e reafirma fronteiras de exclusão no espaço religioso.

[...]

Vou dar um exemplo, só para não ficarmos na teoria — e com esse exemplo concludo esta primeira palestra: *a união homossexual, o casamento gay*. Como que se passa, no Congresso, uma lei reconhecendo o casamento gay? Como se faz com que juristas e juízes do Supremo Tribunal Federal, assinem uma sentença reconhecendo a reconhecimento a união gay como um direito? Como se consegue que esses senhores, que teoricamente estudaram... são alfabetizados, né? Pelo menos a gente supõe que um ministro do STF não seja analfabeto — é só uma suposição... até que se prove o contrário (risos) —, que eles saibam ler a Constituição Federal. Ora bolas, carambolas! Está lá, na Constituição, o que é família: *família é constituída por homem e mulher*.<sup>12</sup>

Como é que ele agora rasga a Constituição e interpreta que família pode ser formada por dois homens?

11 A “*missa zumbi*”, mencionada por Paulo Ricardo, parece se referir a celebrações eucarísticas ligadas ao Dia da Consciência Negra ou a eventos culturais/religiosos de valorização da cultura afro-brasileira, como a Lavagem do Bonfim. Não há registros de rituais católicos que envolvam práticas como as descritas pelo padre. Assim, entendemos que a fala configura-se como estratégia de produção de pânico moral, recorrente na retórica da ultradireita.

12 Em maio de 2011, por unanimidade, o Supremo Tribunal Federal (STF), equiparou as relações homoafetivas às uniões estáveis entre homens e mulheres, reconhecendo, estas relações como núcleos familiares. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=504856&ori=1>. Acesso em: 16 jul. 2025. Como explica a professora Joyceane Bezerra de Menezes (2008, pág. 120) “Anteriormente à Constituição Federal de 1988, apenas a família matrimonial tinha o reconhecimento e a proteção do Estado. Embora as demais organizações familiares não tivessem existência jurídica, palpitavam na vida social, sendo alvo da discriminação e da negação da religião e do Estado. No plano social, a organização da família e a sua própria essência sofreram alterações, mantendo, contudo, a sua importância na formação da pessoa. Tratar da família na atualidade com o olhar voltado para família do século XIX conduzirá a conclusões escatológicas não muito animadoras. A família mudou.” Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53652/1/2008\\_art\\_jbmenezes.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/53652/1/2008_art_jbmenezes.pdf). Acesso em: 20 jul. 2025

- Em nome da dignidade!
- Não podemos oprimir os homossexuais!
- Eles têm direitos!
- Você é preconceituoso!
- Não tem vergonha?
- Essas pessoas não têm culpa de serem homossexuais!
- Você prega o Deus da caridade, da tolerância, do amor, da fraternidade universal... e depois quer excluir esses irmãozinhos? Mas que raça de padre você é?

Essa é a propaganda. Mas o que é que eles realmente querem com isso? Querem a destruição da família. Porque, para o pensamento marxista, a família é um valor burguês, uma desgraça que deve ser destruída. Todo marxista odeia que exista uma família (Vídeo 1, 2022, 47min10s–84min10s, *grifo nosso*).

Pode-se constatar que o padre tenta justificar seu discurso afirmando que os marxistas utilizam a defesa dos direitos humanos como uma estratégia disfarçada para destruir o Estado. Em sua narrativa, a promoção da igualdade e do reconhecimento de direitos seria, na verdade, uma tática comunista para enfraquecer as bases da nação. Em determinado momento, ele chega a sugerir que permitir que um casal gay — especificamente dois homens — tenha a “mesma dignidade”<sup>13</sup> que casais heterossexuais seria um artifício usado pelo comunismo para corroer os valores fundamentais da sociedade.

Certamente, a homofobia, o racismo e o capacitismo são elementos centrais nas comunicações populistas de extrema direita. Cada vez mais, teorias da conspiração, como a do marxismo cultural, servem como vetores desse discurso de ódio na sociedade. Como mostra Donatella Di Cesare (2022), com o avanço das tecnologias de comunicação, o surgimento das redes sociais e a popularização do mundo digital, o século XXI se tornou a era de ouro do complotismo. Isso se deve não apenas à capacidade de disseminação de mensagens pelas redes, mas também à crise de confiança e à perda do sentido de verdade que marcam o tempo presente. Em um mundo cada vez mais complexo e hiperconectado, no qual tudo parece estar sob constante vigilância de uma imensa e etérea rede, as teorias conspiratórias oferecem respostas. Para algumas pessoas, tais respostas são mais simples, rápidas e, muitas vezes, emocionalmente mais confortáveis (Donatella Di Cesare, 2022).

Na comunicação populista — caracterizada pela retórica do “nós contra eles”, pela crença em um inimigo oculto, geralmente representado por uma elite mal-intencionada que manipula o povo —, as conspirações funcionam como uma espécie de “máscara do poder, no tempo do poder sem rosto” (Donatella Di Cesare, 2022, p. 6). Essa dinâmica se desenvolve, muitas vezes, em espaços de pertencimento, confirmação e afeto: as chamadas comunidades digitais.

Assim, ao lado de outras teorias conspiratórias criadas para provocar pânico e mobilizar pessoas em torno de uma agenda extremista e anticientífica, a teoria do “marxismo cultural”, tal como difundida pela extrema direita, compõe um repertório de construções fraudulentas que alimentam sua propaganda política. Essas ideias aparecem inclusive no discurso de líderes religiosos vinculados a esses movimentos, como ocorre no bolsonarismo e nos vídeos-palestra do sacerdote católico analisado neste estudo.

## **A SUÁSTICA: AS RAÍZES FASCISTAS DA TEORIA CONSPIRACIONISTA DO MARXISMO CULTURAL**

Com raízes na teoria da conspiração nazista do “bolchevismo cultural”, o chamado marxismo cultural pode ser compreendido como uma reinvenção do complotismo fascista (Carapanã, 2018; Silva; Suagamosto; Chagas; Araújo, 2023). Ambas as teorias conspiratórias, típicas da ultradireita, compartilham conexões epistêmicas ao atribuírem transformações culturais a supostas agendas políticas perigosas ou perversas. Fundamentam-se na

<sup>13</sup> Ricardo, 2022. Ver em: vídeo 1, 2022, 53min42s.

rejeição ao pensamento progressista e à modernidade, denunciando a existência de inimigos considerados mal-intencionados e perigosos, infiltrados em diferentes esferas da sociedade com a intenção de destruí-la. Para os que aderem a essas crenças, artistas, intelectuais, professores, jornalistas e membros de uma elite corrompida seriam os principais agentes dessa ameaça.

Como alerta Stanley ([2018] 2020), movimentos de orientação fascista costumam apresentar sua visão de mundo como a única verdade possível, ridicularizando ou rotulando como “*marxismo cultural*” tudo aquilo que foge desse paradigma (Chagas, 2021). Assim como os termos “comunista” ou “comunismo” são ressignificados no discurso da extrema direita para atacar adversários políticos, “*marxismo cultural*” tem sido utilizado pela propaganda extremista como um rótulo para desqualificar o que é diferente e construir a imagem de uma ameaça poderosa, de um inimigo a ser combatido.

De acordo com Silva, Suagamosto e Araujo (2021), a teoria do “bolchevismo cultural” nunca deixou de circular, mesmo após a derrota nazista na Segunda Guerra Mundial, permanecendo presente nos regimes de enunciação e nas estratégias comunicacionais da direita radical e de grupos anticomunistas. Essa teoria descrevia uma suposta conspiração comunista (e judaica) contra a civilização cristã e ocidental. No entanto, foi apenas em 1992 que o termo “*marxismo cultural*” passou a ser efetivamente utilizado, inicialmente em um texto de pouca repercussão intitulado *New Dark Age: Frankfurt School and ‘Political Correctness’* (A Nova Era das Trevas: Escola de Frankfurt e o politicamente correto, tradução nossa), publicado por Minnicino, e posteriormente disseminado entre grupos conservadores ao redor do mundo (Silva; Suagamosto; Araujo, 2021).

Essa teoria da conspiração foi amplamente incorporada pela extrema direita e por grupos religiosos conservadores, como os tradicionalistas católicos. Um exemplo é a TFP (Tradição, Família e Propriedade), com um forte discurso de combate ao “marxismo cultural”. A guerra cultural e o anticomunismo constituem, até hoje, o núcleo de sua atuação, como se observa em um trecho da apresentação do site do Instituto Plínio Corrêa de Oliveira<sup>14</sup> — uma das organizações que dão continuidade à TFP no país<sup>15</sup>.

No Brasil, as relações entre grupos ultradireitistas e segmentos do tradicionalismo católico foram estreitas ao longo do século XX. Na década de 1930, a Ação Integralista Brasileira (AIB) surgiu sob forte influência de setores católicos conservadores. Grande parte de seus membros se declarava católica, e o movimento contava com o apoio explícito de diversos clérigos, conhecidos como “batinas-verdes”. (Gonçalves; Neto, 2020, p.22). Apesar da forte presença católica e da ligação direta com o pensamento tradicionalista cristão, o integralismo<sup>16</sup> também atraiu a adesão de grupos protestantes e espíritas, que exerceram influência considerável em sua estrutura e discurso (Gonçalves; Neto, 2020).

Voltando aos vídeos, para o padre Paulo Ricardo, o “*marxismo cultural*” estaria empenhado justamente em destruir aquilo que ele define como os três pilares do Ocidente — ou da civilização judaico-cristã. Essa ideia já aparece logo no primeiro vídeo analisado, em que o padre aborda diretamente o tema:

Neste discurso o Papa — referindo-se a um discurso de Bento XVI — em suas palavras conclusivas, disse o seguinte:

(Paulo Ricardo lê um papel)

“A cultura da Europa nasceu do encontro entre Jerusalém, Atenas e Roma. Do encontro entre: a fé no Deus de Israel — Jerusalém; a razão filosófica dos gregos, Atenas; e o pensamento jurídico de Roma.

14 Link original: <https://www.ipco.org.br/esclarecimentos-sobre-o-marxismo-cultural> Acesso em 10 fev. 2025.

15 No site do Instituto, na aba Quem Somos, um dos objetivos da instituição faz explícita alusão à conta anticomunista: “Fazer conhecer no Brasil e no Exterior, as obras, o pensamento contrarrevolucionário, a atuação de repercussão (mais de 1000 obras extramuros) de meio século de sua luta antissocialista, anticomunista e antiprogressista em defesa da Igreja, da Civilização Cristã, do Brasil”. Disponível em: < <https://ipco.org.br/ipco/quem-somos/>>. Acesso em 10 fev. 2025.

16 O integralismo, fundado em 1932 por Plínio Salgado sob o lema “Deus, Pátria e Família”, foi o maior movimento fascista fora da Europa, inspirado nos modelos europeus e na doutrina social da Igreja, especialmente a *Rerum Novarum* (1891). A encíclica, ao mesmo tempo em que denunciava as condições de trabalho, rejeitava o socialismo e associava críticas às desigualdades a sentimentos de inveja e cobiça — uma lógica que ressoa em discursos contemporâneos, como os analisados neste estudo.

Esse tríplice encontro forma a identidade íntima da Europa, na consciência da responsabilidade do homem diante de Deus e no reconhecimento da sua dignidade inviolável do homem... de cada homem.

Esse encontro fixou os critérios do direito, cuja defesa é nossa tarefa neste momento histórico.”

*(voltando-se novamente para a plateia)*

O Papa está dizendo que nós devemos defender essas três grandes colunas da cultura ocidental: a fé cristã, o direito romano e a filosofia grega.

Por quê? Porque existe um movimento revolucionário que quer trazer abaixo essas três colunas — e aliás, não quer trazer abaixo, está... já está derrubando essas três colunas. Ou seja, as três colunas já estão no chão, em frangalhos. E o que nós precisamos fazer agora é reerguê-las.

E aqui está... o grande conflito! A grande batalha cultural! A grande guerra cultural! Esta guerra cultural que se expressa na destruição dessas três colunas básicas da cultura ocidental — ou seja, o legado de Jerusalém, de Atenas e de Roma.

O Papa professa publicamente de que lado ele está. E nós iremos nestes dias, estudar quem é o *outro lado* (Vídeo 1, 2022, 28min30s–30min52s, *grifo nosso*).

A filosofia grega, as leis romanas e o Deus de Israel. Essa tríade, mencionada pelo sacerdote, é apresentada como uma lição do papa Bento XVI durante uma fala na Alemanha e é reafirmada ao longo das quatro videoaulas seguintes. Trata-se de um discurso que, segundo Paulo Ricardo, sustenta a moral cristã como fundamento da cultura ocidental. Essa visão promove uma leitura de Ocidente marcada por uma perspectiva branca, eurocêntrica e cristianizada, na qual a referência a Israel é esvaziada de seu conteúdo judaico e apropriada por um imaginário bíblico de matriz cristã.

Para além das semelhanças entre as teorias conspiratórias associadas às chamadas “guerras culturais”, é importante lembrar que a ideologia nazista foi profundamente marcada pela denúncia de uma suposta “arte degenerada”, entendida como instrumento de corrupção moral e cultural. De modo análogo, a conspiração do “*marxismo cultural*” acusa uma “intelectualidade degenerada” — ligada à Escola de Frankfurt e ao gramscismo — de ser a responsável pela subversão e desestabilização da sociedade.

Convém esclarecer que principal diferença entre o “bolchevismo cultural” e o “*marxismo cultural*” reside no caráter antissemita do primeiro. Enquanto o “*bolchevismo cultural*” era descrito como uma conspiração judaico-bolchevista contra o Ocidente (Silva; Suagamosto; Araujo, 2021), o “*marxismo cultural*” é apresentado — inclusive nas videoaulas analisadas — como uma conspiração comunista com o objetivo de destruir o Ocidente e a civilização judaico-cristã (Carapanã, 2018; Chagas, 2021).

Embora a extrema direita contemporânea apresente diversos traços do “ur-fascismo” descrito por Umberto Eco (2018) — como culto à tradição, rejeição da modernidade, anti-intelectualismo, racismo, nacionalismo, teor conspiratório e exaltação do líder —, questões como antissemitismo, racismo explícito e posições abertamente antidemocráticas tendem a ser abordadas com cautela em sua comunicação atual. Assim, apesar da profusão de discursos e ações profundamente antidemocráticas protagonizadas por essa corrente política — como a intentona bolsonarista de 8 de janeiro de 2023 no Brasil (Chagas; Araújo, 2023) e a invasão do Capitólio nos Estados Unidos em 6 de janeiro de 2021 —, a extrema direita populista continua a se apresentar como defensora da democracia. Da mesma forma, ignora o desmonte das políticas de igualdade racial durante o governo de Jair Bolsonaro e nega a existência do racismo estrutural no Brasil, sustentando o mito da democracia racial. Um exemplo emblemático dessa estratégia discursiva é a declaração de Bolsonaro em 2018: “Aqui no Brasil não existe isso de racismo, tanto é que meu sogro é Paulo Negão e, quando eu vi a filha dele, não queria saber quem era o pai dela.”<sup>17</sup>

A chamada “questão judaica”, por sua vez, adquire um papel ainda mais complexo nas direitas radicais contemporâneas. Se, no passado, o antissemitismo era um traço evidente da extrema direita, hoje, grupos com pretensões eleitorais procuram se afastar dessa marca — associada aos crimes cometidos pelo fascismo durante a Segunda Guerra

<sup>17</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/agencia-estado/2018/06/29/aqui-no-brasil-nao-existe-isso-de-racismo-diz-bolsonaro-em-fortaleza.htm> Acesso em 10 fev. 2025.

Mundial — e constroem uma imagem filossemita (Chagas, 2021; Gherman, 2019, 2021, 2022; Zuker; Kruchin, 2020). Desde a campanha presidencial de 2018, uma das características mais marcantes da comunicação ultradireitista brasileira — e um dos pilares da retórica político-religiosa bolsonarista — tem sido a apropriação de artefatos e símbolos da cultura e da religião judaica, além do estreitamento das relações com o Estado de Israel e do apoio incondicional ao primeiro-ministro Benjamin Netanyahu.

Contudo, a comunicação e ação política da extrema direita também é atravessada por velhas e novas formas de antissemitismo (Gherman, 2019, 2021, 2022; Zuker; Kruchin, 2020). Esse antissemitismo pode se manifestar na apropriação de símbolos da cultura e da religião judaica como marcadores de pureza e fundamentalismo cristão (Chagas, 2021); na construção de uma imagem judaica imaginária, estática e sem diversidade, que espelha um mundo idealizado e conservador (Gherman, 2019, 2021, 2022); no uso de argumentos bíblicos e religiosos para legitimar pautas partidárias; ou ainda na reprodução de estereótipos historicamente antissemitas — como a associação entre judaicidade e prosperidade econômica (Zuker; Kruchin, 2020). Casos explícitos, como o discurso do Secretário Especial de Cultura, Roberto Alvim — que em 2020 reproduziu com bastante proximidade, uma fala de Goebbels ao anunciar o Prêmio Nacional das Artes — evidenciam como a direita radical oscila entre um filossemitismo declarado e uma gramática fascista com traços antissemitas (Gherman, 2019, 2021, 2022).

Desse modo, o alinhamento pró-judaico da extrema direita brasileira funciona como uma espécie de escudo contra comparações com o fascismo clássico, ligado aos horrores da Segunda Guerra. Atua, assim, como um “higienizador” da gramática fascista presente na comunicação populista de extrema direita (Gherman, 2019). Nesse cenário, a teoria conspiratória do “*marxismo cultural*”, ao suprimir os marcadores étnicos presentes no “*bolchevismo cultural*”, omite elementos largamente associados ao fascismo histórico e desloca o discurso de ódio para o campo moral e político. Essa reformulação torna o discurso mais aceitável diante dos códigos éticos do século XXI e facilita sua difusão entre os públicos-alvo da comunicação populista contemporânea.

Assim, do ponto de vista mercadológico, a desvinculação do “outro” — figura do inimigo e da elite corrupta, evocada pelo populismo de extrema direita — de características étnicas ou religiosas explícitas não apenas favorece a consolidação de uma identidade conservadora, mas também amplia o alcance e a adesão ao seu projeto político. Ao diluir marcadores étnico-religiosos do discurso de ódio e aderir ao mito da democracia racial, a nova extrema direita brasileira constrói uma imagem aparentemente inclusiva e evita limitar seu público. Nessa lógica, a pureza exigida para a pertença ao grupo não é racial, mas moral — encarnada pelas figuras do patriota e do cidadão de bem, integrantes do “nós” moralmente bom e superior.

## O YOUTUBE E A COMUNICAÇÃO POLÍTICO-RELIGIOSA DA EXTREMA DIREITA

As igrejas cristãs sempre investiram em meios de comunicação, dos sinos e cruzeiros no alto dos morros até rádio, TV e internet. Com a plataformização da vida social, a religião passa por processos de mediatização que reconfiguram práticas e criam novos desafios. Nesse cenário, o YouTube tornou-se espaço central para pregações e trocas religiosas, reunindo canais institucionais católicos, como Canção Nova e Aparecida, além de lideranças individuais como o Padre Paulo Ricardo. No campo evangélico, predominam canais mais descentralizados, que refletem a diversidade do protestantismo e têm forte apelo devocional (Mayrink, 2003).

No entanto, diante da aproximação entre grupos religiosos conservadores e setores da extrema direita, é comum encontrar na plataforma canais que mesclam pregações religiosas com pautas partidárias ultradireitistas. Essas produções operam a fusão entre discurso religioso, desinformação, teorias da conspiração e, por vezes, narrativas antidemocráticas. Exemplos emblemáticos desse fenômeno são o canal do ideólogo do bolsonarismo Olavo de Carvalho e o canal do Padre Paulo Ricardo.

Segundo Alencastro<sup>18</sup> (2022), o *YouTube* tem desempenhado um papel de relevo nas eleições ao redor do mundo nos últimos anos. No Brasil, durante o pleito de 2022, pesquisas apontaram a plataforma como a principal fonte de informação sobre o processo eleitoral (Mayrink, 2023). No entanto, além de informar, o YouTube também se consolidou

18 JORNAL DA CULTURA. “YouTube é uma espécie de formação da extrema-direita”, afirma Leonardo Sakamoto. *YouTube*, 3 anos atrás. Entrevistado: Leonardo Sakamoto e Mathias Alencastro. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J9iUPl0F1k>. Acesso em: 11 março. 2025.

como um espaço de ampla disseminação de desinformação e teorias conspiratórias associadas à ultradireita, o que faz da plataforma um espaço estratégico para grupos que operam com a radicalização.

Como aponta Manoela Mayrink (2024)<sup>19</sup>, mesmo grupos situados em espectros opostos no campo político-religioso, como os partidários da Teologia da Libertação e os adeptos da Teologia da Prosperidade, compartilham, com suas devidas especificidades, a valorização da vida no mundo físico e da qualidade de vida na Terra, não se restringindo à expectativa de um pós-vida. Com base nessa observação, torna-se relevante considerar que, na religiosidade contemporânea, vivida no tempo presente e no mundo terreno, as disputas religiosas são também disputas políticas.

Dessa forma, a separação entre discurso religioso e discurso político torna-se cada vez mais difícil. Ainda que haja uma valorização da experiência mundana em diferentes espectros, a comunicação religiosa entre direita e esquerda percorre caminhos próprios. A comunicação ultradireitista é marcada por diversos elementos: o uso intenso das plataformas digitais, a disseminação de desinformação, a circulação de teorias da conspiração, o estado de campanha permanente (Santini, 2022)<sup>20</sup>, o ultranacionalismo, a convocação constante ao conflito e a exaltação de uma visão ultrarreligiosa do mundo. Essa última se desenha, muitas vezes, como um chamado a uma “guerra espiritual” contra o mal, em que o inimigo é demonizado e, em casos extremos, deve ser eliminado. Em muitos desses discursos, somam-se ataques sistemáticos à democracia liberal (Mounk, 2019). No campo das esquerdas e entre grupos progressistas, manifestações político-religiosas são menos difundidas e quando ocorrem, não costumam propagar em larga-escola, mensagens de guerra santa.

Mesmo quando articulam religião e política de modo intenso — como ocorre na Teologia da Libertação — os regimes de enunciação (Latour, 2004, 2008) consistem em uma fusão em que o pensamento político opera como ferramenta crítica voltada tanto à sociedade quanto à própria religião. Nesse contexto, Jesus é um personagem que permite ser compreendido como um homem negro, perseguido, encarcerado e assassinado por um Estado autoritário. Passagens bíblicas, como a partilha dos pães — mencionada inclusive pelo Padre Paulo Ricardo em suas palestras<sup>21</sup> —, deixam de ser interpretadas como milagres no sentido estrito, ganhando estatuto de ensinamento sobre amor, justiça social e solidariedade. A “opção preferencial pelos pobres”, portanto, representa o único caminho possível, pois encarna a figura do próprio Cristo (Padre Ticão, 2019).<sup>22</sup>

Já no pensamento político-religioso que atravessa a extrema direita, a crítica ao *status quo*, à religião institucional ou aos setores conservadores é, frequentemente, demonizada.

Vejam... pensem como é que acontece a revolução marxista. A ideia da revolução marxista é a seguinte: os proletários são oprimidos, vivem numa panela de pressão, e essa panela de pressão irá explodir e dar, como resultado, uma revolução. Não é isso a ideia básica? Muito bem... Acontece que não aconteceu como haviam previsto. Então, é necessário um outro combustível que não seja a revolta do trabalhador.

Então, o que é que nós podemos usar para fazer eclodir a revolução marxista?

Existe um sentimento humano básico, que é a inveja. Ou seja, todo mundo que tem menos inveja quem tem mais. Isso chama-se pecado original, né? Por causa do pecado original, as pessoas têm *inveja*.

19 Em aula proferida na disciplina Tópicos Especiais em Comunicação III: Estudos Avançados em Comunicação, Política e Religião, Período: 2024/1 Turma: PPG COM – UFMT Professora: Dra. Andréa Basilio S. Chagas

20 GloboNews, entrevista de Laís Borges, Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/estudo-mostra-que-uso-de-fake-news-cresce-no-2o-turno-desinformacao-esta-mais-complexa-e-sofisticada-diz-pesquisadora.ghtml>. Acesso em: 1 jun.2023.

21 Ricardo, 2022. Ver em: vídeo 6, 2022, 24min06.

22 Padre Ticão. *A Teologia da Libertação está mais atual do que nunca*. Blog Diálogos da Fé, *Carta Capital*, 4 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/a-teologia-da-libertacao-esta-mais-atual-do-que-nunca/>. Acesso em: 11 jul. 2025.

Então, o pessoal da Escola de Frankfurt notou que existe esse combustível de revolta, não é? E começaram a explorar essa realidade, daquilo que, depois, mais tarde, um outro teórico marxista chamado Pierre Bourdieu vai chamar de “os excluídos”. (Vídeo 3, 2022, 22min28s–23min15s, *grifo nosso*).

A negação da mudança e da modernidade, bem como a defesa da manutenção de hierarquias, privilégios e desigualdades, torna-se inquestionável, pois passa a ser apresentada como expressão da vontade divina. Nesse quadro, qualquer adversário, crítico ou opositor pode ser classificado como um inimigo demoníaco e agente do mal. Trata-se, portanto, de dois discursos político-religiosos profundamente distintos e inconciliáveis.

Mais do que uma fé cega em algo, tanto o fascismo quanto os fundamentalismos religiosos convergem em sua rejeição à diversidade, à multiplicidade e à própria possibilidade da diferença. Para essas ideologias, não há espaço para o outro — ele é, na verdade, percebido como uma ameaça permanente. Trata-se de um cenário em que, como afirmam Silva e Schurster (2022, p. 326), a propósito dos fascismos, “tudo deve desaparecer face às instituições homogeneizadoras”.

O fascista só consegue enxergar um mundo, entre todos os possíveis. A luta contra a arte e contra a ciência passam a ser reflexo de um imaginário impregnado de ressentimento e possível de influenciar fortemente o entendimento sobre o que chamamos de liberdade. Sendo assim, a negação se torna um fenômeno mais que recorrente, uma religião política dentro do novo espectro fascista (Silva; Schurster, 2022, p. 403).

Dessa maneira, a comunicação político-religiosa opera como um “falar religioso” sobre causas partidárias, revestindo-as com a roupagem do bem, na forma da promessa de uma Terra — que neste entendimento de mundo — é ao mesmo tempo, uma realidade mais próxima do paraíso e um espaço naturalmente desigual, com desigualdade e pobreza, legitimados pela vontade de Deus.

Trata-se de uma luta política performada como guerra santa, na qual a religião é convertida em ferramenta comunicacional com efeitos perversos sobre a democracia — como evidenciado nos ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023. A comunicação político-religiosa da extrema direita brasileira, portanto, inscreve-se em um regime de enunciação guiado por dogmas e por uma moral cristã conservadora, ao mesmo tempo em que delinea um território híbrido — cívico e religioso —, habitado por “cidadãos de bem”. No bolsonarismo, o território simbólico combina símbolos religiosos com armas e discursos violentos, marcados por ataques a direitos humanos e à democracia. Nesse espaço, opositores são vistos não como adversários legítimos, mas como inimigos do mal a serem combatidos e eliminados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a base religiosa do bolsonarismo esteja, proporcionalmente, em maior número, entre os evangélicos<sup>23</sup>, é fundamental compreender como os elementos da comunicação político-religiosa da extrema direita circulam entre diferentes tradições do cristianismo. No campo evangélico — apesar de sua expressiva diversidade interna —, consolidam-se pontes comunicacionais que sustentam uma propaganda populista de extrema direita, estruturada a partir de uma retórica cívico-religiosa capaz de mobilizar amplos setores do protestantismo. Neste texto, contudo, dirigimos o foco da nossa análise ao catolicismo conservador e tradicionalista, com o objetivo de analisar como tais arranjos comunicacionais também se articulam no interior da Igreja Católica — ainda a maior denominação cristã no Brasil —, contribuindo para a formulação e difusão de um discurso político-religioso alinhado e estrategicamente incorporado pela extrema direita.

Como verificamos ao longo do texto, os vídeos publicados no canal do Padre Paulo Ricardo no Youtube sobre “marxismo cultural” são marcados pela disseminação do medo e da desconfiança em relação às esquerdas, intelectuais,

23 BOLSONARO abre 32 pontos de vantagem sobre Lula entre evangélicos; no eleitorado católico petista lidera. O Globo, Rio de Janeiro, 19 out. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/blogs/pulso/post/2022/10/bolsonaro-abre-32-pontos-de-vantagem-sobre-lula-entre-evangelicos-no-eleitorado-catolico-petista-lidera.ghtml>.

professores, religiosos da teologia da libertação e a adversários políticos. Além de estarem imersos em um emaranhado discursivo de caráter complotista (Donatella Di Cesare, 2022). Não por acaso o discurso ali veiculado é frequentemente mobilizado por figuras da extrema direita para combater pautas da população LGBTQIAPN+ e reivindicações de grupos minorizados. A base do discurso conspiracionista do marxismo cultural inscrito nos vídeos está envolto em temores fantasmagóricos e sustenta narrativas que propagam a existência de poderes ocultos.

Ao acompanhar os actantes que estruturam as palestras do Padre Paulo Ricardo no YouTube<sup>24</sup>, observa-se uma rede articulada por discursos conspiracionistas que traduzem pautas políticas como dogmas religiosos. A teoria do “marxismo cultural” é um elemento central dessa construção, operando como mecanismo de mobilização e legitimação de um projeto ultraconservador que se opõe frontalmente aos valores progressistas, à modernidade e à pluralidade democrática.

Nesse modo de expressão religiosa sobre a política, fundem-se crenças e ambições, desfazem-se as fronteiras entre Estado laico e convicções confessionais, e mesclam-se aspirações partidárias com justificativas religiosas. No discurso ultradireitista, a “cultura” e o “modo de vida correto” estariam sob ameaça e deveriam ser protegidos, cristalizados dentro de uma moral cristã conservadora. Essa pregação política se estrutura a partir de uma leitura religiosa do mundo, sendo usada para arrebanhar fiéis-eleitores e influenciar políticas públicas. Utiliza, para isso, uma performance comunicacional que articula actantes cívicos e religiosos, servindo-se de estratégias de marketing político-religioso.

Trata-se de uma forma de comunicação que não apenas invoca um actante de autoridade suprema — como “deus” —, mas recorre a enunciados do tipo: “o rei é rei porque essa é a vontade de Deus” ou “o comunismo é um perigo revelado por uma aparição mariana”. O discurso religioso torna-se, assim, fonte de legitimidade para a ação política e social. Esse tipo de enunciação está associado ao que se pode chamar de populismo teocrático, fenômeno cada vez mais presente em diferentes países, inclusive no Brasil, onde a figura de um Deus cristão, interpretada por líderes religiosos específicos, tem sido mobilizada para endossar e legitimar a comunicação da extrema direita bolsonarista.

Em suma, o estudo buscou evidenciar como a fé pode ser instrumentalizada politicamente e como as plataformas digitais ampliam o alcance de discursos extremistas, tornando difusa a fronteira entre religião, política e nacionalismo. Nos vídeos analisados, disputas seculares foram convertidas em dogmas de fé, retratando o “bom cristão” como soldado e patriota em guerra contra o mal. Compreender, portanto, essa comunicação político-religiosa continua a ser fundamental para analisar os desafios atuais à democracia e à laicidade do Estado, apontando a necessidade de novas pesquisas sobre sua difusão em diferentes plataformas e por outros atores religiosos.

## REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Saionara Aparecida. *Mapeando as controvérsias que envolvem o processo de medicalização da infância*. *Psicologia & Sociedade*, v. 31, e213211, 2019.
- CARAPANÁ. A nova direita e a normalização do nazismo e do fascismo. In: SOLANO GALLEGOS, Esther (org.). *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil* (Coleção Tinta Vermelha). São Paulo: Boitempo, 2018. Edição Kindle.
- CHAGAS, Andréa Basilio da Silva. *Entre sinos e drive-thrus no reino de Deus: tramas tecnoestéticas e atmosferas sensoriais*. 144 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Mato Grosso, 2013.
- CHAGAS, Andréa Basilio da Silva. *Uma ponte para Jerusalém: apropriações tecnoestéticas, neorestauracionismo e comunicação político-religiosa no Brasil contemporâneo*. 2021. 308 f. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) — Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT.
- CHAGAS, Andréa Basilio da Silva; ARAÚJO, Bruno. A destra do Altíssimo: O sagrado e a extrema direita em imagens da intentona bolsonarista de 8 de janeiro. In: 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2023, Belo Horizonte. *Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. São Paulo: Intercom, 2023. v. 46. p. 1-15.
- CESARE, Donatella Di. *O complotô no poder*. Portuguese Edition. Porto Alegre: Editora Âyiné, 2022.
- CHADWICK, Andrew. *The Hybrid Media System: Politics and Power*. Oxford: Oxford University Press.
- ECO, Umberto. *O fascismo eterno* [recurso eletrônico]. Tradução de Eliana Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. Tradução de: Il fascismo eterno. Formato: EPUB. Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions. Modo de acesso: World Wide Web. ISBN 978-85-01-40506-7.

24 <https://www.youtube.com/@padrepauloricardo>

- GAMA, Víctor Almeida. *A recepção tefepista do Concílio Vaticano II (1959/1988)*. 2020. [Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.]
- GHERMAN, Michel. *A reunião ministerial e o nazismo à brasileira: uma crônica sobre a gramática do Governo Bolsonaro*. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/michel-gherman/coluna-a-reuniao-ministerial-o-nazismo-brasileira-uma-cronica-sobre-gramatica-do-governo-bolsonaro-24447028>. Acesso em: 01 ago. 2021.
- GHERMAN, Michel. *O não judeu judeu: a tentativa de colonização do judaísmo pelo bolsonarismo*. São Paulo: Fósforo, 2022. ISBN 978-65-84568-47-1.
- GHERMAN, Michel. Quando a nova esquerda e a nova direita encontram a Israel imaginária no Brasil. *Revista: IBI – Instituto Brasil-Israel*. Disponível em: <http://institutobrasilisrael.org/colunistas/michel-gherman/geral/quando-anovaesquerda-e-a-nova-direita-encontram-o-israeli-maginarionobrasil?fbclid=WAR2D48ucHLzHBj4ohU3nanTGSgmJ4iMok8-RA2WpT6RjJXiK41RK5GcnZJM>. Acesso em: 31 jul. 2019.
- GONÇALVES, Leandro Pereira; CALDEIRA NETO, Odilon. *O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo* [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2020. Edição Kindle.
- HJARVARD, Stig. The mediatization of religion: a theory of the media as agents of religious change. *Northern Lights: Film & Media Studies Yearbook*, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 9-26, 1 jun. 2008. Intellect. [http://dx.doi.org/10.1386/nl.6.1.9\\_1](http://dx.doi.org/10.1386/nl.6.1.9_1).
- LATOURET, Bruno. O que é Iconoclasm? Ou Há um mundo além das guerras de imagens? Instituto de Estudos Políticos de Paris – França tradução *Horizontes Antropológicos. Print version* ISSN 0104-7183 Porto Alegre, v. 14, n. 29, p. 111-150, jan./jun. 2008.
- LATOURET, Bruno. *Redes que a razão desconhece: laboratórios, bibliotecas e coleções*. Porto Alegre: Tramas de Redes Sulinas, 2004.
- MAYRINK, Manoela. *Discurso conservador católico nas redes: a relação de Bernardo Küster com a extrema-direita no YouTube*. 2023. 129 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.
- MUDDE, Cas. *A extrema direita hoje*. Tradução João Marcos E. D. de Souza. 1. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2022. 212 p.; 16 × 23 cm. ISBN 9788575115305.
- MOUNK, Yascha. *O povo contra a democracia: Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. Tradução de Cássio de Arantes Leite. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa* [livro eletrônico]. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. 160 p. (Feminismos Plurais; coord. Djamilia Ribeiro). ISBN 978-65-87113-04-3.
- PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: cavaleiro de batina do apocalipse pandêmico. *Mídia Ninja*, 2021. Disponível em: <https://midianinja.org/news/padre-paulo-ricardo-cavaleiro-de-batina-do-apocalipse-pandemico>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- PY, Fábio. Padre Paulo Ricardo: trajetória política digital recente do agente ultracatólico do cristofascismo brasileiro. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 13, n. 33, p. 1–32, 2021. eISSN 2175-1803. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2158>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- ROSENBLUM, Nancy; MUIRHEAD, Russell. *A lot of people are saying: the new conspiracism and the assault on democracy*. Princeton: Princeton University Press, 2019.
- SILVA, Wellington Teodoro da; SUGAMOSTO, Alexandre; ARAUJO, Uriel Irigaray. O marxismo cultural no Brasil: origens e desdobramentos de uma teoria conservadora. *Cultura e Religião*, Iquique, v. 15, n. 1, p. 180-203, jun. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-47272021000100180>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- SIMONDON, Gilbert. *Sobre a tecnoestética: carta a Jacques Derrida*. Tradução de Stella Senra. Les Papiers du Collège International de Philosophie, n. 12, p. 253-266, [1954] 1992.
- STANLEY, Jason. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles”*. Tradução Bruno Alexander. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- TOSCANI, Oliviero. *A publicidade é um cadáver que nos sorri*. Tradução de Cezar Interaminense. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- ZUKER, Fábio; KRUCHIN, Rafael. Sequestro de símbolos: o que a bandeira de Israel em um ato antidemocrático nos diz sobre o bolsonarismo. Estado da Arte, in *O Estadão*. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/sequestro-simbolos-zuker-kruchin/>.

## VÍDEO

- TV HORIZONTE. *Tradicionalismo católico conservador* | Religare. Entrevistado: Victor Almeida Gama. YouTube, 1 jul. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yMOU3KGdNMQ>. Acesso em: 9 jun. 2025.